



GT 043. Memórias Indígenas e experiências de construções

biográficas

João Pacheco de Oliveira Filho (Museu Nacional/UFRJ) - Coordenador/a, May Waddington Telles Ribeiro (Programa de Pós Graduação em Estado e Sociedade/UFSB) - Coordenador/a, Pablo Antunha Barbosa (UFSB) - Debatedor/a, Pablo Quintero (UFRGS) - Debatedor/a, Rita de Cássia Melo Santos (UFPB) - Debatedor/a

O GT busca reunir pesquisas que apresentem dados e interpretações novas sobre a continuada e persistente presença e protagonismo da população autctone no Brasil no período colonial, no século XIX, na República e na atualidade. Partindo de reflexões teóricas dos campos da antropologia, sociologia, história e estudos literários, intentamos reunir biografias, trajetórias, histórias de vida, autobiografias, etnobiografias, dentre outras modalidades de narrativas biográficas, buscando dar conta das profundas intervenções que estas populações tiveram na constituição da história nacional bem como das modalidades de esquecimento e outrificação de que foram objeto. As mudanças sociais não serão tratadas apenas como fatos políticos e econômicos, mas como fenômenos sociais totais, envolvendo dimensões emocionais e afetivas, explorando aspectos contraditórios e ambíguos nas relações sociais, considerando também os contextos intersociais e buscando compreender o protagonismo e a agência permanentemente exercida pelos indígenas. O presente GT está relacionado ao desenvolvimento do projeto em rede "Os Brasis e suas Memórias: Os indígenas na formação do Brasil", coordenado por João Pacheco de Oliveira, que articula 22 universidades e que pretende através da elaboração de biografias sobre indígenas construir outras possibilidades de narrativas sobre a História do Brasil e a contemporaneidade dos povos indígenas.

O legado de Tutawa Áwa e os Avá-Canoeiro do Araguaia

Autoria: Patrícia de Mendonça Rodrigues

A história de resiliência dos Avá-Canoeiro do Araguaia (autodenominados Áwa), que foram capturados por uma Frente de Atração brutal da FUNAI em 1973, no contexto da ditadura militar, de expansão do capitalismo na Amazônia legal, e reduzidos a apenas 5 pessoas poucos anos depois, funde-se com a história de Tutawa, pajé e líder do grupo. Os 25 Áwa atuais descendem desse guerreiro que soube fazer a mediação entre a tradição de origem tupi-guarani e a vivência de dominação, discriminação e marginalização socioeconômica a que foram submetidos pelo Estado brasileiro quando foram transferidos compulsoriamente para a aldeia de seus antigos inimigos, os Javaé, onde vivem até hoje. Os Javaé incorporaram os Áwa como tradicionais cativos de guerra, embora tenha sido uma guerra vencida pelo Estado, enquanto os Áwa se imaginam como cativos à espera de uma libertação profetizada pela mitologia, sonhando com o retorno para um território próprio. Para um povo que cultivou o espírito de resistência e autonomia como poucos, preferindo a morte à prisão durante séculos de colonização, a captura e o cativeiro final foram sem dúvida uma experiência devastadora. Nada disso, no entanto, aniquilou ou domesticou a vitalidade resiliente dos sobreviventes áwa, que seguiram adiante contando essencialmente com a sólida sabedoria interna herdada de seus ancestrais e o vínculo amoroso entre eles. As crianças que sobreviveram à captura e as que foram nascendo depois foram protegidas e cuidadas por Tutawa com afeto e dedicação exemplares, a quem ensinou a língua, práticas rituais e batizou com os nomes-alma dos antepassados, conforme a tradição áwa, mantendo uma das mais importantes formas de continuidade do legado tupi-guarani. Foi ele também quem liderou o grupo, por mais de 20 anos, na recusa irredutível em abandonar a região do Araguaia, com a qual mantém ligações profundas



de variadas ordens, enfrentando o projeto persistente do convênio indenizatório e milionário entre FUNAI e FURNAS de transferi-los para uma terra indígena no Rio Tocantins. Resiliência talvez seja a melhor palavra para definir a vida e o caráter de Tutawa ãwa de forma sintética. Poucas pessoas desenvolveram essa habilidade de encontrar o melhor no que se impõe como o pior de forma tão extraordinária como o líder carismático de temperamento afetuoso e alegre que guiou e liderou o povo ãwa no vale do Rio Araguaia durante as décadas de genocídio anteriores ao contato e nos anos de submissão que se seguiram à captura de 10 sobreviventes. O fato chocante de negarem a ele o seu último desejo ? o de ser enterrado no Capão de Areia, o último refúgio antes do contato ? foi apenas um entre os incontáveis e desumanos obstáculos que teve que enfrentar juntamente com seu povo durante toda a vida.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

